



MACAU — PAGODE CHINEZ.

O nosso antigo estabelecimento de Macau é um dos mais gloriosos padrões da gloria portugueza; e em nenhum talvez a Providencia nos tem deparado tão frequentes occasiões de conhecermos o errado caminho que levâmos, e quanto nos convem adoptar novo systema, senão queremos que se perca de todo a preciosa herança que nos legaram nossos avós a preço do seu generoso sangue.

Não trataremos porém agora da historia de Macau, aliás resumida no bello artigo publicado a paginas 183 do tomo quarto da primeira serie d'este semanario; nem faremos tão pouco n'este lugar as considerações philosophicas que a situação da remota provincia luso-sinica suscita, mas que exige tambem mais larga escriptura e mais abalisada penna. Limitar-nos-hemos ao objecto da estampa.

Representa ella a frontaria de um dos mais bellos pagodes de Macau; e porque não possuímos particulares noticias d'este monumento, extractaremos o que a respeito dos edificios chinezes de Macau em geral se lê no excellente livro do sr. Carlos José Caldeira, intitulado — *Apontamentos de uma Viagem de Lisboa á China*:

«Entre as construcções chinezas em Macau só são para notar quatro principaes pagodes, um em cada uma das aldeas de Moha e Patane, outro no caminho de Patane para a porta do Cêrco, e o quarto perto da fortaleza da Barra: os dous ultimos são de

bonita architectura no estylo chinez, e muito bem situados, principalmente o da Barra, que tem diferentes nichos ou capellas em amphitheatro, por entre grandes penedos e frondosas arvores, que o fazem muito pittoresco. Os chinas escolhem com muito tacto e gosto os locais dos seus pagodes, construindo-os de ordinario por entre penedias e arvoredos, e em sitios romanticos; são muito amadores das arvores, e sendo grandes e bellas as conservam pelo meio dos muros e edificios, ou afeiçoando estes de modo que não tenham de as derrubar.

«Todos os edificios de Macau e na China estão sujeitos aos estragos da formiga branca, que ataca toda a qualidade de madeira e a destrue com incrível rapidez, chegando a fazer cair de repente os sobrados e tectos das casas, por novos que sejam, quando não haja a prevenção de fazer chegar a todas as partes do edificio o ar e a luz, unico meio conhecido até hoje para diminuir um pouco este flagello, que se estende a todos os objectos, e particularmente a livros e papeis.»

Cabe n'esta occasião recommendar a leitura do livro supracitado do sr. Caldeira. Com effeito em obra alguma se encontram tão copiosas e tão recentes noticias de algumas das nossas possessões ultramarinas, que o auctor visitou, e para cujo melhoramento aponta alvitres, que abonam muito a sua illustração e patriotismo.

OS IMPERIOS BYSANTINO E OTTOMANO.

N'ESTE momento em que todas as atenções estão voltadas para o imperio ottomano, attrahidas pela gravidade de uma questão e importancia de acontecimentos, que ameaçam envolver a Europa em uma das mais perigosas luctas por que tem passado, creio que será lida com algum interesse uma noticia historica sobre aquelle imperio.

O quadro será resumido, porque assim o pedem os limites d'este jornal: entretanto farei todo o possivel para que n'elle destaquem bem duas circumstancias muito necessarias a quem quizer apreciar todo o alcance da presente guerra, tanto em relação aos interesses da Russia, como aos da Europa. Fallo de duas grandes influencias contrarias, que avultam n'aquella historia; a que a cidade de Constantinopla exerceu pela sua posição geographica no rapido engrandecimento de dous imperios, e a que o gabinete de S. Petersburgo tem exercido, principalmente desde o meiado do seculo passado, na progressiva decadencia do imperio ottomano.

A importancia pois de Constantinopla como porto commercial e como ponto estrategico, e por outra parte a constancia e tenacidade com que a politica russiana tem ido desmembrando a Turquia, e minandando-lhe moral e physicamente a existencia, devem servir para a apreciação dos immensos interesses que se agitam e chocam no oriente da Europa, e tambem para se ajuizar da extensão do empenho e esforço que farão, a Russia para levar a cabo a empreza a que metteu hombros, e as potencias occidentaes para lh'a frustrar.

Ainda quando não se envolvesse n'essa guerra que ahi está travada, a lucta de vida ou morte dos dous grandes principios politicos, que tem abalado toda a sociedade, e na qual se resume por assim dizer a historia geral da civilisação, a desmembração da Turquia, e a occupação de Constantinopla pela Russia é de per si uma questão da maior transcendencia para a sorte futura da Europa, e principalmente para a supremacia da França e da Inglaterra.

I.

Fundação de Constantinopla; divisão do imperio romano; engrandecimento e decadencia do imperio do oriente.

O IMPERIO romano havia tocado o apogeu da sua grandeza e esplendor. O immenso poder com que avassallara tantos povos, já não era bastante para guardar e defender fronteiras tão dilatadas, que se estendiam pela Europa, Asia e Africa. Começaram pois as invasões pelo lado do norte, e a estas succederam-se outras não menos perigosas, as que vinham da Asia, tanto mais temiveis quanto mais distava da fronteira ameaçada a séde do governo imperial, o centro de toda a acção.

Constantino o Grande viu o perigo em toda a sua extensão, e para o vencer, ou pelo menos afastar, resolveu transferir a capital para um ponto d'onde melhor pudesse velar pela segurança do imperio. Em taes circumstancias não podia deixar de lançar suas vistas sobre Bysancio. Assentada na Europa e junto ás portas da Asia; banhada pelas aguas de uma vasta bacia, chamada mar de Marmara, que lhe proporcionava um dos mais bellos portos do mundo, collocada entre o mar Negro e o Mediterraneo, com os quaes se communicava por meio de dous canaes, o do Bosforo e o dos Dardanellos, que lhe serviam ao mesmo tempo de pontos naturaes de de-

feza e de caminhos de prosperidade, a antiga Bysancio era o lugar mais bem fadado pela natureza para servir de assento a uma grande cidade, assim como tambem o sitio mais apropriado aos designios do imperador Constantino.

Correndo pois o anno de 328 deu principio este monarcha á sua obra, e passados dous annos Bysancio tinha mudado completamente de aspecto. A sua área havia-se alargado extraordinariamente; as suas ruas estreitas e tortuosas tinham desaparecido para dar logar a vastas praças e a magnificos edificios. Esplendidos palacios, theatros e aqueductos, columnas, arcos triumphaes e outros monumentos artisticos; sumptuosas igrejas, d'entre as quaes se extremava por sua vastidão e riqueza a basilica de Santa Sophia, um dos mais bellos e grandiosos templos que a piedade christã tem erigido, tudo isto metamorphoseára Bysancio em uma cidade romana, quando no dia 2 de maio do anno 330 foi dedicada á Virgem Maria, recebendo então o nome de Constantinopla.

As vantagens commerciaes e a importancia politica que lhe provinham da sua situação geographica, desenvolvidas ainda mais pelas instituições que já haviam feito de Roma a capital do mundo civilisado, imprimiram-lhe um tão grande progresso, que em menos de um seculo excedeu a antiga capital do imperio em população e riqueza.

As vistas politicas de Constantino o Grande foram sem duvida satisfeitas, pois que d'este novo centro de força communicou-se energia e vida ás provincias do imperio que mais d'ellas careciam. E d'esta arte pode o governo imperial refrear por muitos annos a audacia de perigosos inimigos.

Por morte de Constantino dividiu-se o imperio entre seus tres filhos, mas fallecendo logo depois um d'elles ficou aquelle immenso estado dividido em dous imperios, o do occidente com a cidade de Roma por cabeça; e o do oriente com a séde do governo em Constantinopla.

Passado pouco tempo voltaram as duas corôas a ornar uma só frente, mas pouco durou esta união, pois tornaram a separar-se para nunca mais se unirem.

Como bem se pode imaginar a divisão enfraqueceu os dous estados; todavia as suas consequencias fizeram-se sentir primeiro em Roma do que em Constantinopla. O imperio do occidente, envelhecido pelos seculos, quebrantado pelas luctas intestinas, amollecido pelo luxo, e pervertido por toda a casta de devassidões, correu com passos de gigante desde aquelle acontecimento pelo caminho da decadencia até se alluir completamente ao impulso dos que appellidava — barbãros do norte.

O imperio do oriente achou porém recursos com que neutralisar os terriveis effeitos d'aquella separação. Achou-os na energia e vigor de um estado nascente, e na situação geographica de Constantinopla, tão vantajosa para a politica como para o commercio. Assim apesar d'aquelle successo viu ainda por algum tempo dilatar-se a sua influencia, augmentar o seu poder, e multiplicarem-se as suas riquezas.

Todavia nas veias d'aquelle corpo social tinha-se innoculado um virus, que lhe minava a existencia. Juntamente com essa organização singular, que havia dado ao imperio romano tanta força e solidez; a par d'essa civilisação, que enchêra Roma de tantas galas e magnificencias, e que a fizera celebre na posteridade; introduziu-se na capital do novo imperio, e lavrou com rapidez por todas as provincias, a relaxação de costumes, essa mesma desmoralisação, que corrompêra o povo romano, e que por fim o en-

tregára fraco e entorpecido ao rancor e brutalidade dos vandalas e outras nações.

Não tardaram pois a começar as discordias civis. A morte de um soberano era o signal para o rompimento de porfiosas luctas. E da guerra a peito descoberto passou-se ás mais infames traições, aos mais covardes assassinatos. Ora o punhal e o veneno abriam aos ambiciosos o caminho do throno; ora os mais cruéis tormentos despojavam da vida os rivaes do poder. A estes excessos vieram ainda accrescentar novos horrores as dissensões religiosas.

A erecção de Constantinopla em patriarchado deu origem, ou direi melhor, facilitou a propagação d'esse grande scisma, que dividiu a Igreja catholica em duas communhões, que se guerrearam phreneticamente, a latina e a grega, scisma que tanto sangue fez correr em toda a superficie do imperio do oriente.

Por este tempo despovoava-se a Europa para correr á conquista da Terra Santa. E esses formidaveis exercitos, saídos pela maior parte de regiões agrestes e semibarbaras, onde a civilisação ainda não tinha levado as commodidades da vida e o progresso das artes, ao passarem por Constantinopla, na sua marcha para a Palestina, ficavam maravilhados e tão cheios de assombro como de inveja ao contemplarem as quatrocentas igrejas d'aquella soberba capital, e os seus magnificos palacios, obeliscos e arcos triumphaes, a riqueza das alfaias consagradas ao culto divino, e finalmente a variedade e abundancia de todo o genero de provisões, e de toda a casta de mercadorias que affluíam de todos os paizes áquelle grande imperio.

Os exercitos da quinta cruzada não puderam resistir á tentação de se apoderarem de uma tão rica e facil preza. Corria pois o anno de 1204 quando ali chegaram e lhe puzeram cêrco. Ao terceiro dia de assedio foi entrada a cidade, e farta a cubiga e satisfeita a inveja dos sitiantes. Foram roubados todos os templos, destruidos ou mutilados todos os monumentos e objectos de arte.

Os conquistadores aclamaram por imperador a Balduino, conde de Flandres, e seu general. Durante meio seculo esteve no throno a familia de Balduino, até que um aventureiro, Miguel Paleologo, a expulsou, apoderando-se da corôa imperial no anno de 1261.

(Continúa.)

I. DE VILHENA BARBOSA.

ORIGINALIDADE DA NAVEGAÇÃO DO OCEANO ATLANTICO SEPTENTRIONAL, E DO DESCOBRIMENTO DE SUAS ILHAS PELOS PORTUGUEZES NO SEculo XV.

IV.

A DEDUCÇÃO de provas que fizemos na primeira e segunda parte d'este trabalho levam á evidencia que até aos modernos descobrimentos maritimos dos portuguezes no 15.º seculo não ha memoria de que nenhum dos antigos povos, de que ha vestigio historico, fizesse a navegação do alto mar Atlantico septentrional. Se pois esta proposição é hoje irrecusavel, e se a primeira estatua equestre de que falla a historia é a romana levantada a Julio Cezar, a existencia d'uma estatua equestre n'uma ilha perdida no meio do oceano, e desconhecida não só na antiguidade, mas tambem na idade media, é historicamente impossivel.

O estado virgem em que todas as ilhas dos Aço-

res foram achadas no acto de as descobrirmos tambem está depondo contra a realidade do monumento, que attesta a passagem do homem. E como não ficaria d'ella senão a estatua sem nenhum outro rasto? Azurara, chronista contemporaneo da descoberta d'estas ilhas, afirma, que achadas desertas n'ellas «nom avya outra povoragon senom allymarias monteses.» As cartas de doação das capitancias d'algumas d'ellas, passadas pelo infante D. Henrique, ou pelos monarchas portuguezes d'aquelle tempo, tambem não só não alludem a que n'ellas se achasse vestigio de mão de homem, mas são todas uniformes em declarar que não havia *ab initio* memoria de que taes ilhas fossem conhecidas. *Solitarias insulas* lhes chama a bulla do 6.º dia dos idos de janeiro de 1454.

Finalmente não é tambem razão de menor pezo o silencio absoluto que, antes de Goes, todos os escriptores, nomeadamente os chronistas de D. Affonso V, D. João II, e D. Manuel, guardam a respeito do achado da estatua. Azurara, Ruy de Pina, Garcia de Rezende, Fernão Lopes da Castanbada, João de Barros, Masfeu, etc. nem uma só palavra dizem d'ella. Todos os demais testemunhos que se queiram adduzir a favor da estatua, são posteriores a Goes, e cegamente o seguiram. Fructuoso, historiador insulano que d'isto trata no l. 1.º c. 32 do inédito *Saudades da Terra*, é d'esse numero; assim como Cordeiro no l. 9.º c. 3 da *Historia Insulana*. O sr. cardinal Saraiva, que sem grande estudo das contradicções do facto, e sem cabal conhecimento da historia do lugar, quebrou no n.º 10 da *Revista Litteraria* do Porto uma lança a favor da realidade da estatua equestre da ilha do Corvo, fundado unicamente na fluctuante e duvidosa auctoridade d'aquelles auctores, cuidando advogar a causa gloriosa dos nossos descobrimentos, comprometteu a condição da sua originalidade e prioridade á força de confiar demasiadamente em testemunhos equivococos e sem valia.

Muitos escriptores sizudos dados ao estudo da historia dos descobrimentos maritimos, e guiados por luz de melhor critica, vem em abono da proposição que defendemos.

O sr. vice-almirante Ignacio da Costa Quintella, contando o *facto extraordinario* do achado da estatua, que tinha por si o testemunho de Damião de Goes, accrescenta a p. 111, do t. 1 dos *Annaes da Marinha Portuguesa*: «Não sei se isto basta para o acreditar.»

O sr. Francisco Affonso da Costa Chaves e Mello, distincto escriptor michaelense, escreve a p. 3 da *Memoria historica sobre as ilhas dos Açores*: «He quimerico o dizer-se . . . que no descobrimento d'estas Ilhas se achára huma estatua de pedra, representando hum cavalleiro, que apontava com o dedo para o Occidente. Deo lugar a esta fabula huma rocha natural, que havia na Ilha do Corvo. . .»

O sr. visconde de Sá da Bandeira, na parte historica que acompanha a interessantissima *Folhinha da Terceira para o anno de 1832*, é da mesma opinião.

O sr. conde Vargas de Bedemar, director do museu da historia natural, e socio da academia das sciencias de Copenhagen (Dinamarca) que fez em 1836 uma investigação scientifica em todas as ilhas dos Açores, a p. 4 do seu *Resumo de observações geologicas*, diz, referindo-se á sua viagem, que «ella servio para verificar, que é uma pura chymera a Estatua equestre, que se dizia existir na Ilha do Corvo, com a mão estendida para o lado da America. . .»

E já no principio do seculo 18.º o proprio padre Cordeiro, que na *Historia Insulana* compilou as *Saudades da Terra* de Fructuoso, crendeiro e sem critica a tantos outros respeito, sente tamanha diffi-

culdade em justificar o achado da estatua, depois de confessar que na ilha não se achou *signal*, ou *indicio de gente humana*, que só com o *Deus ex machina* sae de tamanho aperto, escrevendo a p. 490, que «aquella fatal estatua do Cavalleyro apontador de outras Ilhas, foy obra do mesmo Author da natureza, e Provisor Divino...»

A falta de noção authentica, que ainda um dia pode apparecer e dar á historia do facto as verdadeiras feições; seja-nos licito, depois de apontadas tantas contradicções e inverosimilhanças no texto do chronista, supprir com luz conjectural, não totalmente destituida de fundamento, as trevas da incerteza e da duvida, em que naturalmente se fica quando se vêem abalados presuppostos fundamentos historicos.

Suppomos que depois de descoberta e começada a povoar a ilha do Corvo, dos habitantes, ou navegantes que costumavam fazer o contorno maritimo da costa noroeste lhes veiu a primeira idéa de estatua equestre, originada da feição particular da crista de algum rochedo; idéa a que originalmente não dariam a importancia e significação que depois teve, porque bem veriam que ali não havia monumento, mas apenas mais ou menos remota similhança d'elle. A principio a noção popular conter-se-ia provavelmente em seus justos limites. Não via producto d'arte no que era obra da natureza, até que estranhos novelleiros se apoderaram do pensamento e o entreteceram com imaginações calculadas. Só depois das descobertas de Colombo é que a pretendida estatua, de natural que era e se mostrava aos insulares, a transformou o conceito dos cortezaos em obra d'arte, aproveitando-se para isso da idéa vaga, sem mais attenção ás circumstancias particulares e illustrativas do preconizado monumento; que só assim conseguiriam chamar sobre elle a attenção d'el-rei D. Manuel. Não repugna que Duarte d'Armas fosse tirar o debuxo; que da propria natureza copiasse cousa, que em verdade se parecesse com estatua equestre; e que com isso demovesse o rei a mandal-a sacar e conduzir ao reino. N'esta segunda diligencia porém é que nos parece descobrir falta de lealdade em quem operava, ou no chronista que a relatou, porque mal pode suppor-se que se não convencessem logo, e não de enganassem o rei, de que não havia ali monumento d'arte. Aquelles fragmentos que trariam do rochedo-estatua, e de que tão pouco cabedal se fez no pago, não parecem dizer que só á vista d'elles se desenganaram da illusão maligna em que tinham estado; desengano a que ainda assim por ferir o amor proprio e pundonor real se impoz silencio? Na opinião dos habitantes do Corvo supporem existir uma inscripção na rocha que era base do monumento, não foi talvez illusão original e gema com a da estatua, antes parece ser já consequencia da prévia transformação d'esta illusão ou mentira, d'uma ou d'outra foi victima. Pero da Fonseca, como já o tinham sido da rocha metamorphoseada el-rei D. Manuel, e provavelmente mais alguém com elle.

Fôra assim pois, que ou adulteração ou inexactidão das primeiras noticias recebidas da ilha do Corvo depois do seu descobrimento, enganariam muitos dos contemporaneos, e archivadas meio seculo depois em critica nem commentario por um chronista, tem induzido em erro grave muitos que confiaram n'esta unica auctoridade. «Quantas vezes tem succedido, *escreve o sr. Costa de Macedo* mesmo nos tempos modernos, serem as primeiras noticias que se recebem d'um paiz novamente descoberto bem differentes do que depois se verificam em novas viagens?»

Concluimos esta *quarta parte* do nosso trabalho. Parecemos ter dito sufficientemente para convencer

de que é falso e sem fundamento o caracter que se dá á illusão que capitulou monumento d'arte o que fôra apenas capricho de fogos interiores. O pretendido achado d'uma estatua equestre na ilha do Corvo, sobre ser historicamente impossivel, ante a luz que o estado actual da sciencia projecta sobre elle; não tem por si provas relevantes; e estaria tão longe de ser obra da mão do homem, quanto em verdade mais proxima era de producto espontaneo da natureza. Tal ficção não pode mais servir nem figurar na historia. Releguemol-a aos dominios da poesia. Contentese em inspirar ao poeta algum episodio mais ou menos brilhante, como já o fez a Chateaubriand, nos *Souvenirs d'Italie, d'Angleterre et d'Amérique*, nos *Natchez*, no *Génie du Christianisme*, e nas *Mémoires d'outre-tombe*: — a Frei José de Santa Rita Durão no canto 1.º do poema *O Caranurú*: e ao padre José Agostinho de Macedo no canto 3.º do poema *O Oriente*.

JOSÉ DE TORRES.



HENRIQUE I O LIBERAL.

APESAR da pequena importancia do seu reinado, Henrique I merece um lugar distincto entre os condes de Champagne e de Brie. Filho de Thibeaut IV, succedeu a seu pae em principios de 1152. No anno de 1147, sob o titulo de conde de Meaux, fez parte da segunda cruzada prézada por S. Bernardo. Na sua volta casou com a princeza Maria, filha do rei de França Luiz o moço.

Com quanto merecesse o appellido de generoso ou liberal por sua grande piedade e innumeraveis doações a igrejas e conventos, o conde Henrique parece que não fôra de um procedimento irreprehensivel na sua mocidade. Existem cartas em que a princeza, sua mãe, se queixa mui amargamente d'elle ao abbade de Claraval; mas S. Bernardo, que exercia sobre o moço principe grande influencia, soube reconduzil-o ao cumprimento dos deveres filiaes.

Um dos seus primeiros actos de piedade foi a doação que fez aos religiosos de S. Remy. Depois e successivamente estabeleceu ricas conezias na igreja de Sezanne, na de Pouzi, etè.; garantiu rendimentos sufficientes aos religiosos de Cluny, de Chamoie, de Andécies, de Soisi e muitos outros. Fundou quatorze ou quinze hospitaes, e além d'isto treze igrejas, sendo a principal a collegiada de S. Estevão de Troyes. Fixou para esta igreja setenta e duas prebendas em honra dos setenta e dous discipulos de Jesus Christo; aos titulares d'estas prebendas, que chamava seus filhos, seus capellães (*filios meos*, ca-

pellanos meos) doou grandes bens, e muitas casas de habitação, situadas entre os dous braços do Sena, que atravessam a cidade. É o arrabalde que ainda hoje se chama o *claustró de S. Estevão*. Emfim as suas prodigalidades eram tão extraordinarias, que muitas vezes achava-se sem meios alguns de que pudesse dispôr.

Henrique repudiou, pelos annos de 1162, a condessa Maria, assim como Luiz o moço tinha feito á rainha Leonor; mas a instancias de S. Bernardo, a tornou a receber em 1164. O abbade de Claval convidou-o a entrar na nova cruzada; e com effeito no anno de 1178 partiu pela segunda vez para a Terra Santa em companhia de Pedro de Courtenay, irmão do rei e de Philippe, bispo de Beauvais, sobrinho do mesmo principe. Esta nova expedição militar não surtiu resultado algum.

Sendo obrigado a voltar para França, ao atravessar em 1180 a Asia menor e a Illyria, Henrique I caíu em uma embuscada, e foi feito prisioneiro, com amaxima parte dos que o acompanhavam. Resgatado pelo imperador dos gregos, conseguiu regressar a França no mez de março de 1181; mas sete dias depois de reentrar nos seus estados, falleceu.

A condessa Maria, sua viuva, mandou erigir-lhe um tumulo na collegiada de S. Estevão, que depois foi substituído, talvez no 16.º seculo (?) por outro de bronze dourado, de um estylo e lavor admiraveis.

A nossa gravura representa o *sello* equestre de Henrique I, que póde considerar-se um verdadeiro typo dos principes da idade media.

ARCHEOLOGIA PORTUGUEZA.

MEMORIAS DA VILLA DE ARRAYOLOS.

XX.

Adua.

Em que sentido se tome aqui a palavra *Adua*, claramente se conhece do primeiro capitulo, que a villa de Arrayolos deu aos seus procuradores ás côrtes de Almeirim de 1544, e é o seguinte:

«Primeiramente que por ser esta villa de muitas vinhas e olivaeas, e outras bemfeitorias, e os moradores d'ella os mais honrados ordenarem lavoira, pera a qual tem bois, que damnam as ditas bemfeitorias, por não haver *Adua*, em que se recolham; que S. A. haja por bem que se tomem as herdades pertencentes pera ella, e que os senhorios os não tolham, ainda que pera ella tenham posse e privilegios; e sejam avaliadas as herdades por tres ou quatro homens pera se pagarem, e se pagará como ora estão arrendadas; e que toda pessoa, que tiver bois dentro na villa, seja carreteiros como lavradores, vão lá pastar sob pena de pagar de vazio, e mais da postura da camara o que for ordenado.»

Em virtude d'este capitulo mandou el-rei um ministro a informar-se da justiça e conveniencia do pedido, e com o fundamento d'essa informação expediu de Santarem a 8 de julho de 1546 um alvará, por que ordenou se escolhesse para *Adua* a herdade de Sant'Anna, que é do hospital da mesma villa, e deu as providencias para ser paga pontualmente a renda, e não ser deteriorado o predio (1).

Com effeito foi a dita herdade escolhida para *Adua*, e d'ahi veiu que mudou o seu artigo nome de herdade de Sant'Anna, no de herdade da *Adua*, pelo qual ainda hoje é conhecida.

E porque pelo tempo adiante a descuriosidade ou a malevolencia destruia o arvoredo e damnificava a herdade; e além d'isso os pastos d'ella eram comidos indevidamente por gados, a que não competiam; a camara proveu de remedio com uma postura de 20 de agosto de 1588 (2).

Em muitos e successivos accordãos do 1.º quartel do seculo 17.º continúa a camara as suas providencias para o bom regimen da *Adua* (3), a cuja obrigação se esquivavam principalmente os singelleiros, a quem era mais commodo e mais barato comer junto da villa as pastagens alheias, sem lhes importar os danos, que assim faziam nas fazendas e fructificados.

Ha mais de dous seculos porém que em camara se não falla em *Adua*, talvez não tanto por se considerar desvantajosa esta instituição, como por não haver copia de singelleiros e seareiros, que chegasse para pagamento da renda da herdade.

J. H. DA CUNHA RIVARA.

ESCRITORES PORTUGUEZES CONTEMPORANEOS.

POETAS LYRICOS DA GERAÇÃO NOVA.

MENDES LEAL.

QUEM estudar n'esta manifestação da arte o talento do joven poeta acha-lhe a sensibilidade melindrosa, o ardor e a saudade do ideal, que tornavam Bocage o rei da harmonia, e quasi o precursor da escola moderna. Na pintura dos affectos, nas descrições e no sentido moral, o coração do cantor palpita, a ternura vê-se que não é fingida; a alma inflammavel, prompta na admiração, facil no enthusiasmo não se esconde. Dorido ás vezes do contacto do mundo, desilludido pelas amarguras do desengano, e não conhecendo só de nome os revezes, Mendes Leal não chegou a ser o lyrico que é, senão, como Elmano, por saber de experiencia os horrores sublimes da tempestade, e as estreitezas e conflictos dos trabalhos da vida.

Se a sua tinta é forte, se o seu desenho é animado e exacto, se as arvores e penedias, as flores e as aguas, as estrellas e a noute têm viveza e côr; se retratam as paizagens e a vida meridional, é porque não copiou dos livros a natureza morta; é porque pelos seus quadros passa o reflexo visível do intimo abraço do céu com a terra; e reinam o mysterio e a elegia do coração com a existencia. As lagrimas correndo ensinaram-lhe a compadecer nos outros as proprias maguas!

Por isso o echo da sua voz é tão sentido, e a lyra tanto acerta com as notas sensiveis, que só diz a alma lacrimosa, e o amor mais terno. Só assim radio-so da gloria do passado, ou melancolico pela catastrophe presente pode levantar o enthusiasmo da patria esses hymnos que não morrem. Como os côros de Eschylo formam exequias dignas dos deuses aos infortunios humanos.

(2) Liv. das posturas de 1588, a fl. 92 v.

(1) Registado no liv. das vereações de 1546 a 1547, fl. 60.

(3) Vereação de 27 de março de 1621 — dita de 22 de Janeiro de 1622 — dita de 13 de agosto id. — dita de 12 de novembro id. — dita de 6 de setembro de 1625.

Leiam a Indiana a *Vasco da Gama*, e digam se o vulto heroico desceu no cantico. Veja-se a Nenia de Carlos Alberto, o *Ave Cesar!* e n'aquelle gemido quasi epico, lembrando os funeraes de Achilles no epodo grego, cada traço resume um dos martyrios e desastres da grande lueta da Italia.

Na contemplação religiosa, na meditação christã, que profundo sentimento se aspira para Deus; que fragancia perfuma a phrase elevada como o assumpto! Que harmonia no verso, que sobria grandeza na imagem, que vôo alto e rasgado na idéa moral! Como é largamente interpretada a vida espiritual perante o mysterio da Redempção, como a magestade da religião reflecte a face consoladora, e a um raio de luz divina a poesia se levanta da terra apontando com a mão da esperança o celeste refugio das miserias do mundo!

No cantico de amor, no devaneio elegiaco, a phrase soluga, o pranto escalda, a desordem dos sentidos falla; e o véu transparente da forma não faz senão tornar mais bella a dôr, não a offendendo com falsos artificios. Se estas qualidades, que mais ou menos nas ultimas obras caracterizam a inspiração do poeta, e que o seu gosto e observação todos os dias hão de aperfeiçoar, pudessem ter sido os dotes da sua musa desde o principio; se a precipitação ás vezes o não impedisse de corrigir o primeiro cunho, que monumentos houvera erguido, e que esplendida epocha abria na poesia nacional!

O que lhe falta em diversas paginas não é o esplendor, não é o sentido; mas a unidade, a igualdade, e a reflexão critica que tornam immortaes as odes de Horacio, e o hexametro de Virgilio. É o tempo, o amor da correcção e o respeito da arte, em que os antigos sobresaem pela castidade da forma, e por aquella belleza e graça dos seus quadros, na maior parte sublimes e originaes á força de esmerada elegancia.

A faculdade que melhor caracteriza Mendes Leal é a creação lyrica. Antes de tudo fel-o Deus poeta! A sua lingua é o verso. Quando acceta a prosa para meio de vulgarisação, a sua phantasia acha-se como constrangida; a viveza esmorece um pouco, e por vezes a periphrase affrouxa o nervo do periodo. A pureza e o calor de algumas paginas não salvam outras de certo frio e contração, que lhe assombram o estylo. O toque fino, o traço arrojado, a metaphora grandiosa, que dão o colorido epico a tantos dos seus canticos, não sustentam as qualidades correspondentes na construcção prosaica.

De certo o poeta é um dos escriptores mais correctos da lingua, a palavra obedece-lhe; diz quasi sempre imaginosamente o que deseja exprimir, porém a vista rasgada, que a sua musa levanta sobre horisontes cheios de magnificencia, tirada da altura poetica, e posta no plano inferior da terra perde muito da perspectiva magica.

No verso é o contrario. A arte sente-se, e não se vê. A harmonia é espontanea. Nunca apparece o esforço nem o martello do metrificador. Os rythmos mais difficéis desatam-se cadentes, diaphanos, que se revê a idéa n'elles, flexiveis á pintura da paixão, que não deixam um suspiro sem voz, uma sombra, a mais leve, sem côr. Senhor do instrumento lyrico não precisa forçal-o para o fazer suave e brando como a saudade do amor ingenuo, elevado e heroico como a figura homérica dos vultos dos seus hymnos.

A melodia não faz a inspiração escrava, esta é que a domina. No systema poetico de Mendes Leal as estances e as estrophes em que a idéa parece cinzelada; a opulencia do estylo em que circula a luz e o brilho do colorido oriental, e a phrase, de um la-

vor puro, onde fulgem, como diamantes, as imagens engastadas, são vestes ricas e pomposas sim, mas apenas involucros e accessorios do pensamento. Acima da variedade e cadencia dos metros e da perfeição da rima, superior aos artificios do verso e á harmonia dos sons, é raro deixar de se encontrar logo o sentido historico ou a formula philosophica, laço visivel entre o ideal e a realidade! A superioridade das suas manifestações poeticas é esta união intima da idéa com a forma; esta logica (permitta-se o termo) da imaginação e do sentimento; esta relação da imagem com o canto, e da phrase com a imagem. Repetimos, se mais de um descuido é facil notar ainda nas ultimas composições, deve acrescentar-se que o progresso tem sido constante, e á vista d'elle ninguém saberá prever aonde pode aspirar esta vocação, que na idade em que muitos nem começam, hombrêa já com os mestres da harmonia.

E sem pensamento o que diz ou o que significa a poesia?

As notas que deixam fugir as cordas da lyra, os rythmos em que o cantico se expande, as azas resplandecentes de matiz e de luz da invenção, cujo vôo sobe tão alto, e roubando um raio ao sol o vem pousar na harpa, se a expressão poetica tomar o meio vocal por termo, e fôr muda quanto ao fim transcendente, serão mais do que sons e cores, do que formas e metros vazios?

A interpretação da existencia, a eterna e anciosa aspiração da alma, e a observação profunda e analytica da natureza e das paixões constituem a gloria dos grandes modelos desde Virgilio, no livro IV da Eneida, até Shakspeare e Milton, desde o Dante e Tasso até Camões e a Goethe! Da epopéa pagã ao drama philosophico e ao poema christão, da epopéa theocratica, e da epopéa de sentimento e de nacionalidade, até á formula geral e pantheista do *Fausto!*

Sem o affecto e o enthusiasmo, sem o pensamento e a contemplação, o verso é uma voz que lisonjeia vagamente o ouvido, adormecendo-o á força de melodias, enlevando-o pela doçura, sem dizer nada ao espirito, sem levantar uma só prega ao véu do destino humano. Pintar a paizagem e não sentir n'ella o sopro de Deus; importunar a magua em metros cadentes, e não lhe perceber nem os delirios nem o silencio; buscar nas joias do turbante mouro, no chaveco do pirata africano, na estrella pallida, na onda inquieta, na flor ou no regato o thema de variações perdidas, o pretexto de rimas pomposas, é confundir a espiritualidade com a mechanica da palavra, preferindo a copia do morto á expressão da alma.

A arte imita de certo; mas imita creando; o seu objecto não é trasladar servilmente, é interpretar a vida pela analyse do coração; a natureza pelas maravilhas do universo, e pela sublimidade do Creador.

A deprecação de Priamo implorando ás iras de Achilles o cadaver de Heitor; os queixumes tão serenos á superficie, e tão agitados no fundo, da filha de Agamemnon, dizendo saudades á vida, despidos da forma harmoniosa commovem e arrebatam mesmo no pallido reflexo de uma lingua moderna. Homero e Euripedes são os grandes cantores que sabemos, porque a sua voz poderosa sem o auxilio do verso entorneceu, subjogou e fez sempre inclinar os seculos. Sapho, a amorosa poetisa de Lesbos, se tanto attrahe é porque a sua dor não está nos sons de uma lyra afinada, mas na expressão ardente da ternura, na desordem natural dos sentidos, na agonia verdadeira do coração cortado, cujo sangue vemos correr quasi.

cuja lagrimas depois de mais de dous mil annos ainda renascem, molhando os nossos olhos.

O defeito da poesia recente, da nossa sobre tudo, tem sido o culto exclusivo da harmonia, a escravidão da idéa á forma. O gosto é fructo da experiencia e da polidez do espirito; a correcção dá-a o estudo; o estylo vem da imaginação e do gosto; mas reunam-se todos em um quadro, e negue-se ás figuras a alma, de que resulta o gesto e a expressão; o sópro que na criação faz eloquente o silencio nas solidões, e magestosa á noute a voz dos mares; deixe-se pender a flor sem os beijos do sol e os murmúrios da aragem; cale-se nas ramas inertes o gorgoejo das aves; apague-se a luz de repente, ou cortem-se-lhe as sombras; roube-se emfim á serenidade nocturna o branco sudario da lua; e o espectáculo da natureza muda, a repetição de uma só côr embora formosa, a pausa lugubre das harmonias do céu e da terra farão triste e inerte a propria belleza, provando que aonde falta a vida, não ha sublimidade nem poesia, mas só o horror do sepulcro. O agrado convencional e monotono depressa cansa, como se a vista estivesse condemnada a não fitar senão um cadaver, mesmo que fosse o corpo gentil de Aspasia, ou a belleza incomparavel da Venus cypria, mortos nos labios os travessos amores do sorriso.

Mendes Leal estima a forma, procura-a, mas não se deixa absorver por ella. O seu verso diz sempre alguma cousa ao espirito e ao coração. Ha nas poesias d'elle canticos, que o sentimento catholico de Lamartine não julgaria abaixo de alguma das elegias de *Jocelyn*. Tem estrophes, cujo impeto e pompa, cuja clamyde bordada de imagens fulgentes, tecida com o fio d'ouro e purpura do estylo arabe, Victor Hugo julgaria dignas do phantastico bando das aladas irmãs, chamadas *Orientaes*.

Se houvesse applicado tão ricas faculdades ao labor mais longo de um poema filho das grandes scenas do passado, ou do rasgo sublime de uma figura heroica, ás guerras da Asia ou da Africa por exemplo, tão queridas do entusiasmo epico, o monumento não daria melhor a altura do poeta, do que a pagina fugitiva ainda que esmerada, em que lançou o canto solto de alguma d'ellas?

Se perguntarmos d'onde procede a musa risonha, enlevada e ligeira umas vezes, pensativa, magoada e religiosa outras de Mendes Leal; se indagarmos a filiação do verso elegante e ornado; do metro harmonioso e viril; d'essa veia, que ora é funda como a paixão, ora vae tanto á superficie da vida, como a brisa arraza ligeira o calice das flores, não seria facil marcar de leve as fontes donde deriva o seu talento, nem indicar de perto os modelos, em que formou o gosto e castigou o estylo.

Ouvindo-o suspirar no alahude christão diriam que descende dos melancolicos trovadores, cuja endeixa respira com graciosa soltura isenta dos artificios da forma. Ouvindo-o celebrar as armas e as conquistas ou infortúnios dos povos, e a lição dos reis, julgaria-se que roubou parte do segredo á perfeição classica, e que o seu canto é ainda um echo dos antigos lyricos. No seu verso, terno como os enlevos d'alma quando os descreve; altivo e potente como a phrase aberta em bronze dos prophetas quando a suscita; ha tons, ha luz e sombra; acha-se a força unida á graça e á invenção. Para durar o que duram as obras dos mestres falta-lhe só unidade de desenho, proporções mais amplas no quadro, e aquella tinta forte, que se não come com o tempo, antes se faz bella com a idade.

Nas suas mãos o instrumento tem dado todas as notas desde o cantico a Deus até ao suspiro mais ti-

mido do amor. A idéa anima e córa a estrophe, ou se eleve a Christo nas azas da fé, ou suba fulgurante, como os raios do sol, á gloria dos Albuquerque e dos Gamas. Porque não tira o poeta de tantos elementos uma creação completa?

Insistimos n'este ponto, porque nos fere desagradavelmente a indifferença com que tem sido tratada a musa até aqui; e a repugnancia com que deixam de lhe offerecer assumpto digno d'ella. Esta negligencia não é só de Mendes Leal. O desejo da publicidade e a sêde do applauso, arrastam a revelações imprudentes alguns versejadores que não deviam forçar a inspiração; mas preparar-se para a receber castamente, quando ella os visita.

Se o poeta que analysamos chegou á idade dos pensamentos fundos e das obras ferteis, sem murchar a sua corôa, deve-o á inexgotavel riqueza das faculdades. Prodigalisou-se como os outros; esparziu os carmes por todos os caminhos; obrigou-os a segui-lo e a gemerem muita vez da violencia com que os humilhava, da precipitação com que os expunha á curiosidade, menos compostos, do que permittia o pudor da arte. Se a muitos fez bellos o proprio pejo; se assim mesmo, na forma nua e quasi primitiva da criação espontanea, ha que admirar n'elles, o que seria se a imaginação os allagasse mais nas azas carinhosas, e os não deixasse fugir de si senão formados e robustos para as provas da critica e do gosto?

Hoje Mendes Leal já se não entrega com a mesma facilidade ás seducções da veia repentista. Sente-se no periodo sizudo da criação poetica; e nas bellas e correctas paginas, em que n'estes ultimos tempos tem experimentado as forças já respira o amor do seu nome, e o respeito do futuro. Homem de idéa e de intelligencia deve principiar a ver além do presente, e a trabalhar para a posteridade. Possui os dotes precisos para subir; deve prezar a gloria porque tem direito a merecel-a.

O que desvia da inspiração original e prende dentro do circulo imitativo os talentos nascidos para maior destino, não é tanto o temor dos assumptos, como o horror da fadiga. Lançam os olhos para o espaço que hão de percorrer, assusta-os o labor que a obra pede, e empallidecem. Compor uma ode é mais breve do que urdir e levantar um poema. Imitar a idéa e a forma de uma poesia estranha custa menos, do que vestir de imagens, e illuminar de côres uma invenção propria, cujo sentimento seja o sentimento historico, cuja expressão deva tudo ao coração e ao pincel do cantor. A preguiça de pensar, é a grande inimiga das letras portuguezas, e a culpada da invasão estrangeira que as escravisa. Mendes Leal, nos seus cantos mais puros, embora seja ainda estreito o quadro, libertou-se já um pouco d'este captivo-treiro. Resta ver se tomará animo, pizando uma senda nova, em regiões aonde tudo está por explorar.

O visconde de Almeida Garrett, no eclectismo gracioso da sua musa, apresenta exemplos aproveitaveis. O *Camões* veiu depois de *D. Branca*; o *auto de Gil Vicente* foi escripto antes de *Fr. Luiz de Sousa*! A corôa que lhe enfeita a harpa romantica não cede em primor á que adorna a fronte quasi classica de muitos cantos pagãos das suas lyricas. O grande vulto do sublime e inspirado cantor da *Illiada* portugueza não o fez recuar; mediu-se com a grandeza d'aquelle nome, immenso como a epocha, e ganhou a gloria de não succumbir, ficando igual ao arrojo. Porque não o imitam n'isto? Porque não vão tambem ás tradições colher das flores e saudades que se conservam viçosas, para tirarem um livro nacional da fragrante e simples essencia d'ellas?

Tem sido fado da litteratura peninsular este erro de imitar os desenhos e pensamentos de fora.

Se applicarmos a analyse ao systema poetico de Mendes Leal, acharemos no verso, nos metros e na phrase, mais de uma recordação feliz da boa escola portugueza. Lendo-o, sente-se algum sabor da arte classica, e ao mesmo passo o fino e agradável picante dos cantores a quem os homens da prosodia alatinada, e do compasso horaciano chamavam barbaros.

No seio da verdadeira originalidade de phrase que ha em muitos trechos do poeta, e acompanhando-o das transições juvenis á expressão actual, é possível caracterisar os elementos da apropriação successiva, e descobrir o laborioso tecido do estylo, a reflexão proveitosa dos bons modelos.

A sua harmonia e o seu impeto lembram o fogoso Bocage, a firmeza do contorno e o cunho da idéa, recordam Philinto, mas com a melodia, que pouco o favoreceu. Na vaga tristeza de algumas estances, na singeleza de alguns toques presentem-se uns longes de Bernardim Ribeiro; no relevo da pintura descriptiva, e na perspectiva mimosa de certos paineis passa como um sópro das eclogas do Quita, do tom engragado e puro de Rodrigues Lobo. Todos os escriptores offerecem estas affinidades de parentesco intellectual, estas camadas, mais ou menos espessas, com que fecham a tinta da forma propria. Só o ignora, quem julga que os livros se fundem de um jacto, e os periodos caem da penna como a publicação os mostra.

Mendes Leal portanto, no gráu a que chegou e com a docilidade a que trouxe o metro e a rima, está no caso de ser um poeta de criação, um continuador das tradições interrompidas no seculo 16.^o pela renascença romana. Um leve esboço da physionomia das differentes epochas, e a rapida apreciação dos escriptores que as illustram, justificará a asserção que repetimos, censurando a indole imitativa, o ardor da versão e da paraphrase, que tanto entorpeceu desde o principio em Portugal o desenvolvimento e o esplendor das artes.

A poesia nacional, ainda mimosa ao saír do ninho rustico das primeiras canções, encontrou logo as copias frias e quasi pedantes da renascença classica. Da suavidade singela, em um ou outro logar já tocada da sombra imitativa, com que se queixa amorosa e simples nos romances de Bernardim Ribeiro, até ao sol de Camões teria chegado até nós sem as affectações e enfeites estranhos, que lhe desmancham a belleza. Desde os cantos attribuidos a Gonçalo Hermigues até aos Echos, infelizmente perdidos, do vate das saudades (Bernardim) os cancioneiros, entre muita lamentação insulsa e descorada, deixam entrever, pelo rasgo espontaneo, muitas galas lyricas que a disciplina dos greco-romanos suffocou quasi no berço.

Sá de Miranda e Antonio Ferreira, que vieram logo depois de Gil Vicente, sectarios do gosto italiano, e do traslado latino, foram em Portugal os proconsules da epistola aos Pisões, e os verificadores do sublime pela pauta de Longino. Não pode negar-se-lhes o muito que aperfeiçoaram na lingua poetica e na correcção da forma; deveria mesmo agradecer-se-lhes a introdução sapiente dos modelos toscanos e latinos; mas ha a censurar n'elles a intolerancia da escola. O seu influxo arrancou á musa aquelle véu candido, mais negligente embora, com que nem escondia o rosto. Toucando-a dos enfeites venusinos deram-lhe ares de estrangeira, modos e seriedade de contrafeita; metteram-na em salas alheias, com requebros falsos; e separada do povo e da paizagem, em que nascera, depressa lhe murchou o vi-

ço, o encanto e a innocencia quasi travessa de virgem moça, esquecida dos primeiros e sinceros suspiros, com que disse amor e natureza! De toda a obra de Sá de Miranda sobreviveram as suas *Quintilhas*, que elle prezava menos talvez que nós; do verso de arte, e da inspiração quasi rebelde de Antonio Ferreira, em quanto a lingua existir, restam-nos os admiraveis córos da sua *Castro*, cujo perfume e sensibilidade parecem milagrosos na penna de tal poeta.

D'ahi até Camões, e do cantor do Gama até aos labirintos intrincados do gongorismo refinado, as boas obras, que temos, mais ou menos, são reflexos do estudo das letras romanas, das escolas italianas, e da hespanhola prevertida. Os episodios adoraveis, cuja saudade natal, cuja grandiosa paixão, é o primor da unica epopeia portugueza os *Iuziadas*, luctam assim mesmo com a sombra de Homero e de Virgilio. O maravilhoso pagão trava-se com o maravilhoso do christianismo; e é pouco todo o genio de Camões para resistir ao perigo das imitações, que em tantas oitavas applaudidas teriam desvairado outro. As suas canções, as elegias, sobre tudo a XI, alguns dos sonetos, e as inimitaveis redondilhas, em que parece rever-se a graça de Catullo, e voarem os suspiros do Petrarcha, dariam nome a outro poeta, que não tivesse como elle gravado o seu na face d'um monumento.

(Continúa.)

L. A. REBELLO DA SILVA.

EMPREGO VANTAJOSO DA FERRUGEM DAS CHAMINÉS.

A FERRUGEM das chaminés e dos fogões, onde se queima lenha, compõe-se de um grande numero de corpos. Mr. Braconnot, que a analysou, achou vinte por cento de materia azotada, de alumina, de carbonato, phosphato, sulphato e acetato de cal, diversos outros saes, tendo a cal por base, potassa, magnesia e ammoniaco, e materias carboníferas; é necessario accrescentar-lhe um oleo essencial empyreumatico, algumas vezes uma pequena porção de acido acetico, e outras carbonato de potassa em pequena dose.

Poder-se-ia augmentar a acção estimulante da ferrugem misturando-a com um volume igual de cinza de lenha.

Nas immedições de Lille servem-se da ferrugem de chaminés como adubo, e sobretudo com o fim de livrar os rebentos da couve dos insectos que os comem: 5 hectolitros chegam para distribuir por 10 ares; algumas vezes deitam tambem a ferrugem nas folhas das couves picadas do bicho, no mez de março ou abril.

Se se dissolver a ferrugem em duas ou tres vezes o seu volume d'agua, e depois se filtrar por um panno ou por outro meio equivalente, obtem-se uma dissolução, que poderá empregar-se com vantagem para conservar a carne dos animaes, dando-lhe um gosto semelhante ao da carne curada ao fumeiro.

A mistura da ferrugem com um volume igual de materias animaes puras, taes como o sangue coagulado e outras semelhantes é mui conveniente para retardar a putrefacção, diminuir o cheiro infecto, e livrar os adubos e as plantas dos animalculos e dos insectos.

A. PAYEN.

— Ha multos atheus por libertinagem; alguns por philosophismo, poucos por vangloria; talvez nenhum por convicção.